

## UMA RADIOGRAFIA DO PROCESSO LITERÁRIO GUINEENSE

Rui Jorge Semedo<sup>1</sup>

### Introdução

Este artigo procura observar o processo de construção do movimento literário guineense, tendo como principais elementos o caminho percorrido, sua evolução e a leitura que os críticos literários têm sobre a literatura da Guiné-Bissau.

A década de 70 foi extremamente importante para a exaltação da cultura nacional, pois imprimiu maior dinamismo às diversidades de manifestações identitárias da sociedade guineense e, sobretudo, também pôde ser vista e entendida como o limiar da luta pela afirmação cultural até então reprimida pelo sistema dominante imposto pela colonização. O principal aspecto desse momento foi o de interação revolução/cultura, sociedade/autonomia, e desse ensaio procurou erguer-se o emblemático e mítico encontro de valores étnico-culturais, sob o signo de unidade nacional que, posteriormente, quedou-se nas vicissitudes desonestas da luta pelo poder violentamente instaurada no País.

Da necessidade de afirmação identitária, sob a palavra de ordem “Unidade Nacional”, resultaram dois importantes fatos político-culturais: a fundação do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), em 1956, e, posteriormente, na década de 70, a fundação do histórico grupo musical Cobiana Djaz, liderado por José Carlos Schwarz. Este grupo deixou um importante legado cultural, fazendo emergir através da música e da literatura o sentimento de pertença da *Guinendadi*. A imagem e o engajamento militante de José Carlos Schwarz contribuíram largamente para a adesão de grande parte dos jovens da cidade de Bissau, principalmente, à música e/ou à literatura como mecanismos não apenas de difundir os valores socioculturais, como também de resistir pacificamente ao então sistema, que além de segregador era também fortemente repressor.

---

<sup>1</sup> Rui Jorge Semedo é Mestre em Ciências Políticas, escritor e investigador associado do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP-Guiné Bissau), e do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto.

O grupo musical Cobiana Djaz e José Carlos Shwarz fizeram a sociedade acreditar na música como princípio de resistência. No entanto, isso possibilitou engendrar outros grupos musicais e, simultaneamente, gestou um grupo de literatos denominados “Meninos da Hora do Pindjiguiti”. Estes com performance de textos poéticos de intervenção, constituíram de embrião do movimento literário guineense no pós-colonialismo.

É a partir desse encontro triangular interativo “revolução, afirmação cultural e liberdade identitária” que nasce o primeiro movimento literário nacional, como resultado de um processo de libertação que envolveu diferente segmento nacional. Contudo, a intenção aqui visa discorrer sobre o percurso do movimento literário guineense, que é recente e resultante do período que gestou a independência nacional, mas, sobretudo, de apresentar a faceta mais próxima da realidade literária atual.

### **Recorte histórico**

A existência do Estado Guineense<sup>2</sup> data de um período recente, e antes do seu surgimento, era inconcebível pensar na existência de um movimento literário nacional genuíno. Contudo, existiam algumas manifestações circunstanciais isoladas de cidadãos portugueses e caboverdianos a serviço colonial. Na abordagem sobre a literatura colonial da Guiné-Portuguesa<sup>3</sup>, Amado (1990) explica que o então contexto se caracterizava pelas obras que expressavam sentimentos de resistência às saudades e, sobretudo, a mesma servia de abrigo à ausência de um ambiente propício ao fluxo cultural. No entanto, estas produções pouco ou nada representavam do caráter *guineense*<sup>4</sup>, quer dizer, nelas não transparecem o sentimento sociocultural guineense.

Essa constatação é ainda mais notória quando se observa que a política colonial não permitia aos “ocupantes tradicionais”, que os colonos denominavam de “gentios”, o acesso a instrução, razão pela qual o primeiro liceu só começou a funcionar muito depois do fim da II Guerra-Mundial, mais precisamente nos finais da década de 50. Isso quer dizer que até antes

---

<sup>2</sup> O Estado da Guiné, oficialmente, surgiu em 10 de Setembro de 1974, resultante da assinatura do acordo de Argel entre representantes do PAIGC e do governo português em decorrência da Revolução dos Cravos. Contudo o PAIGC havia proclamado em 24 de setembro de 1973, unilateralmente, nas Colinas de Boé, a independência nacional.

<sup>3</sup> Nome oficial de atual Guiné-Bissau durante o período colonial.

<sup>4</sup> Grifo meu.

desse período não se constituía ainda uma “elite escolarizada guineense” em condições de se refletir, debruçar e/ou de produzir obras literárias a partir de manifestações culturais resultantes da diversidade do produto existente no país.

Apesar de tudo, a inexistência do movimento não significa - e, muito menos, pode ser observada como - ausência de literatura. Nesse ambiente hostil, surgiram os estudos do Cônego Marcelino Marques de Barros, guineense, hoje reconhecido no espaço do debate literário guineense como pioneiro da literatura nacional. Com ele foi inaugurada, no século XIX, o limiar da trajetória literária guineense, com uma importante obra temática sobre as riquezas culturais da então colônia. No dizer de Semedo (2005), este estudo constituído por uma recolha, que inclui contos tradicionais, adivinhas e cantigas que constituem algumas das várias manifestações que estão na base da convivialidade e que nós, os guineenses, chamamos de *djumbat*<sup>5</sup>.

A memória histórico-literária guineense também registra uma efêmera contribuição de Fausto Duarte, uma personagem cuja manifestação identitária fora considerada por Amado (1990) como ambígua. Isso ocorre porque nas suas obras não transparecia um sentimento de pertença à identidade guineense. Ainda caracteriza Fausto Duarte como uma figura de personalidade cultural híbrida, sem condições para lançar as raízes de uma identidade literária nacional. Já Bull (1985) entendia que o posicionamento das obras de Fausto Duarte trata-se de uma estratégia para evitar a repressão da PIDE<sup>6</sup>. Entretanto, considera-o como um dos primeiros literatos que lançou a base identitária da literatura nacional.

Conforme foi acima mencionado, a aparição tardia do movimento literário guineense não implica a ausência de produções literárias. Sobre esse assunto, Couto (2008) defende o fato de que só em 1952 foi publicado o primeiro conto escrito por um autor guineense, James Pinto Bull, com o título “Amor e trabalho”, leva a que *equivocadamente*<sup>7</sup> se pense que a Guiné-Bissau era um espaço vazio. Realmente, o processo de formação da elite intelectual na Guiné-Bissau foi diferente e mais lento do que, por exemplo, em Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe devido à dinâmica desigual do processo colonial, que não só impediu aos guineenses o acesso ao recurso político e à sistematização do

---

<sup>5</sup> Tertúlia.

<sup>6</sup> Polícia Internacional de Defesa do Estado.

<sup>7</sup> Grifo meu.

conhecimento, como também dificultou o diálogo entre as duas culturas, a oral e a escrita, produzidas respectivamente por colonizado e colonizador.

Na então Guiné-Portuguesa, assim como nos demais países africanos lusófonos, a tentativa de manifestar o sentimento de pertença identitária africana era tida como uma atitude subversiva e criminosa<sup>8</sup>. O inusitado é saber que o embrião do movimento literário guineense fecundou no exterior e, precisamente, em Portugal tendo como progenitores Amílcar Cabral, Vasco Cabral e António Baticã Ferreira durante os anos de estudo. É a partir da interação entre os estudantes das ex-colônias (Angola, Cabo Verde, Guiné, Moçambique e São Tomé e Príncipe), na célebre Casa dos Estudantes do Império, na então metrópole, é que se começou a constituir base do movimento literário – e também político - guineense. No que respeita a tal assunto, Pires Laranjeira (2000) salienta que esses estudantes lusófonos foram beber na fonte do movimento político-literário francófono denominado “Negritude”, e desse contato derivou a Negritude Lusófona. Vale dizer que o movimento da Negritude foi fundado em Paris, em meados dos anos 1920, por jovens estudantes da África-francófona e do continente americano, onde perfilavam literatos como Léopold Sedar Senghor, Aimé Césaire, Léon Damas e outros.

Com efeito, é a partir desse contato que começou a brotar textos que denunciavam a situação sociopolítica e, ao mesmo tempo, fazia-se disseminar nas colônias a tese filosófica de africanização dos espíritos defendida por Amílcar Cabral. O poema abaixo citado é da autoria do poeta Vasco Cabral, e foi escrito em 1957, no auge da mobilização revolucionária sob os auspícios do PAIGC. Publicado no livro “A luta é a minha primavera”, este poema representa a ruptura com o ideal colonial e faz um convite à construção de uma consciência nacional soberana de afirmação identitária:

### **Com um punhado**

Com um punhado de esperança  
na mão  
eu espalharei o calor  
que há-de aquecer-te  
irmão!  
Eu serei como o semeador  
que lança a semente à terra

---

<sup>8</sup> Ver Ignatev (1977).

e a vê frutificar mais tarde.  
A pouco e pouco morrerão a dor  
e a dúvida.  
E tu, como eu, irmão!, hás-de sentir a esperança!

É importante dizer que se é verdade que o Cônego Marcelino Marques de Barros foi pioneiro da literatura guineense, não é menos importante afirmar que os trabalhos de Vasco Cabral, Amílcar Cabral e António Baticã Ferreira influenciaram a base metodológica e identitária do estilo literário nacional. Esses três literatos foram procurar na poesia de intervenção a base para manifestar o repúdio à realidade marcada por um regime que, por um condicionamento histórico, pouco se importava em preservar a cultura e a identidade do colonizado. Da maioria dos textos brotaram mensagens poéticas de conteúdo revolucionário e patriótico, da qual, posteriormente, seguiram os “Meninos da Hora do Pindjiguiti”, que cantaram a epopéia da independência nas célebres coletâneas “Mantêhas para Quem Luta (1977)” e “Momentos Primeiros da Construção (1979)”. E essa corrente igualmente influenciou a importante contribuição musical do Cobiana Djaz e do Super Mama-Djombo, sob as lideranças de José Carlos Schawrz e Adriano Ferreira (Atchutchy), respectivamente.

Conforme apontamos atrás, a semente da trajetória literária nacional, que foi lançada pelo Cônego Marcelino Marques de Barros, germinou e produziu um tronco que engendrou uma afirmação identitária, cujos expoentes foram Vasco Cabral, Amílcar Cabral e António Baticã Ferreira. Na sequência destes surgiram os “Meninos da hora do Pindjiguiti” como ramo que logo de imediato deu origem a flores que produziram os frutos hoje representados pela nova geração de literatos que despontam na senda do movimento literário nacional, procurando assumir, sem rotura com o passado, os testemunhos de *ethos* da cultura e da literatura nacional, versada numa perspectiva não só revolucionária, mas que procura retratar, igualmente, a beleza natural e cultural do património guineense.

### **Situação das Publicações**

Já se passaram cinco décadas e a visão dos críticos sobre a publicação literária da Guiné-Bissau continua a ser àquela que corresponde a realidade das duas primeiras décadas do período pós independência. Aliás, hoje apesar de se poder admitir a desvantagem que é

notória em relação aos demais países lusófonos, é irrealista a leitura ainda dominante sobre a produção literária nacional guineense<sup>9</sup>, visto que não traduz a dinâmica evolutiva e, muito menos, espelha a trajetória do processo literário guineense. Esse cenário nos parece ainda mais incompleto, por não acompanhar a renovação na fileira de literatos. A propósito, não podemos deixar de reconhecer a existência de mais de três gerações de escritores em ativo que lavram no âmago da expressão cultural literária guineense.

Para a compreensão da referida situação, o quadro abaixo espelha a situação da publicação nacional partindo da década de 70 a 2010-2020:

**Quadro de Publicações Individuais**

<b>Décadas</b>	<b>Número publicações</b>	<b>Número de autores</b>
<b>1973</b>	2	2
<b>1980</b>	4	3
<b>1990</b>	17	13
<b>2000</b>	32	24
<b>2010-2020</b>	10	9
<b>Total</b>	<b>64</b>	<b>50</b>

O escritor Conduto de Pina foi o primeiro a publicar já no período pós independência uma obra individual. Em 1977, lança a sua primeira obra poética intitulada *Garandessa di no Tchon*. Depois, em 1978, o dramaturgo Carlos Vaz publica sua obra, “Para um conhecimento do teatro africano”.

---

<sup>9</sup> Neste trabalho fazemos apenas o levantamento de publicação individual, entretanto, vale dizer que são vários os escritores guineenses com participação em coletâneas e revistas, tanto a nível nacional quanto internacional. Outrossim, precisamos reconhecer que, devido à limitação em razão da inexistência de um banco de dados sobre a publicação nacional, podemos correr o risco de não mencionar a obra de guineenses publica em algum lugar da qual não temos informação.

Na década seguinte, o veterano poeta Vasco Cabral surge com o livro de poesia “A Luta é a Minha Primavera” (1981). Após, um dos expoentes do movimento literário “Meninos da Hora do Pindjiguiti”, Helder Proença, lança o livro Não Posso Adiar a Palavra (1982). Carlos Pires Silva, ainda, publicou duas obras em (1987), O Longo Caminho que é poesia e *Nhô Mussa Labradur*, que é um conto infantil.

A primeira mulher guineense a publicar, Domingas Samy, surge ao abrir a década de 90, no exterior, com o conto “A Escola” (1993). O período ficou marcado com as três romances publicadas pelo escritor Abdulai Silá, Eterna Paixão (1994), Última Tragédia (1995) e *Mistida* (1997). Ainda nessa mesma década foram também publicados outros textos em prosa: Tâli (1993), de Abdul Carimo Só, Um Cabaz de amores (1998), de Carlos Edmilson Vieira, *Kikia Matcho* (1998), de Filinto Barros, Tiara (1999), de Filomena Embaló.

Depois segue um conjunto de obras poéticas a começar pelo Silêncio das Gaivotas (1994), de Conduto de Pina, Entre o ser e o amar (1996), de Odete Semedo, Noites de insônia na terra adormecida (1996), de Tony Tcheka, Arqueólogo da Calçada (1996), de Félix Sigá, Os marinheiros da solidão (1998), de Rui Jorge Dias Cabral, Djarama e outros poemas (1997), de Pascoal D’Artagnan Aurigemma, Mufunesa padi sabura (1996) de Adul Carimo Só, A Força da Vontade (1993), de Manuel da Costa e A Nossa Mudança (1993), de Manuel da Costa.

A década de 2000 foi literariamente inovadora, pois inaugurou a entrada de jovens literatos que não cantaram a epopeia da independência entrar na fileira de criação literária e, sobretudo, assumindo nitidamente o compromisso de manter viva a chama literária de exaltação cultural. Assim, após o desastroso conflito político militar de junho de 1998 várias publicações foram lançadas a começar pelas obras poéticas *Stera di Tchur* (2001) e Retrato (2007), de Rui Jorge Semedo, A Esperança é Última a Morrer (2002), de Emílio Lima, *Sol Na Sai* (2002), de Nelson Medina, Palavras da Alma (2005), de Inácio Gomes Semedo, Coração Cativo (2005), de Filomena Embaló, Testemunhos de Ontem (2003) e Mundo *Kebur* (2006), de Silvano Gomes, No Canto Lúgubre da Verdade (2009), de Édison Ferreira, Pensar de um Sonho (2005), de Onésimo Figueiredo, Bendita Loucura (2008) de Saliatú da Costa, Falso *Plaquê* (2001), de Atchô Express, Guiné Sabura que Dói (2008), de Tony Tcheka, No Fundo do Canto (2003), de Odete Semedo, Olhar da Mulher (2001) de Manuel da Costa em co-autoria com o angolano Mário Ernesto, Chuva de Lágrimas (2004), de Tino João Miroelho.

Ainda nessa mesma década foram também publicados contos e romances: Carta Aberta (2005), de Filomena Embaló, Contos de *N' nori* (2000), de Carlos Edmilson Vieira, Sonéa e Djénea (2000), de Odete Semedo, Fogo Fácil (2006), de Marinho de Pina, Admirável Diamante Bruto (2008) de Valdir Araújo, A Minha Flor de Acácia Rubra (2007), de Carlos Pires da Silva, Testemunhos de Nbera (2002), de Média Sepa C6, Kali e a *Cabaça* (2006), que é um conto infantil publicado pelo músico Ramiro Naka, O passaporte (2002) de Armindo Gregório Ferreira Júnior, As Chaves do Progresso (2005), que é um ensaio e o romance A Mao Direita do Diabo (2007), publicados por Plínio Gomes dos Reis Borges.

Nessa mesma década Abdulai Silá publica Orações de Mansata (2007) e Raúl Mendes Fernandes lança em (2008) Estátua Perdida, sendo que ambas são peças teatrais.

Se a terceira e quarta décadas foram produtivas, a quinta aponta e desponta para um ambiente deveras promissor e foi solenemente aberta pelas obras poéticas Palavras Suspensas (2010), de Conduto de Pina, No Compasso do Primeiro Passo (2010), de André Mendes, Entre a Roseira e a Pólvora, o Capin (2011), de Saliatú da Costa, Em Busca do Espaço Verde (2011), de Eliseu José Pereira, O Vento ainda Sopra (2012), de Eliseu José Pereira, Insana Rebeldia (2012) de Edson Pereira Incopté e os contos IMF No Palácio do Governador (2011), de Hildovil Silva & Iramã Sadjo que são até à data e do ponto de vista da idade, os mais jovens escritores guineenses, Adormecer de um Sonho (2010) de Carlos Edmilson Vieira, *L'ultime combat pour um amour anonyme* (2012) de Lourenço da Silva, Anjo do Mal (2012), de Plínio Gomes dos Reis Borges.

É interessante observar o ritmo de progressão das publicações guineenses – 2 na década de 70, 4 na de 80, 17 na década de 90, 32 na de 2000 e, já o intervalo do decênio 2010 a 2020 ainda conta com 10 publicações, mas a tendência é superar as décadas anteriores, visto que este estudo permitiu-me conhecer trabalhos que muito brevemente serão publicados.

### **A politização do movimento literário guineense**

A coincidência temporal do surgimento do movimento revolucionário e, conseqüentemente, do movimento literário nacional não criou condições adequadas ao crescimento saudável e autônomo do segundo em matéria de criação e promoção de uma cultura literária que refletisse um sentir nacional independente de orientação político-



ideológico de regime unipartidário no pós colonialismo. Tal como inúmeras associações de massa criadas com o advento revolucionário, entre as quais, a Organização dos Pioneiros Abel Djassi (OPAD), a Juventude Africana Amilcar (JAAC), a União Nacional dos Trabalhadores da Guiné (UNTG) e a União Democrática das Mulheres (UDEMU), a União Nacional de Artistas e Escritores (UNAE) que, apesar de ser um instrumento pouco distante dessas estruturas de massa, foi criada na altura por destacados militantes do Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), em que figuravam nomes sonantes da literatura e da música nacional como o de Vasco Cabral, Atchutchy, Tony Tcheka, Helder Proença, Conduto de Pina, Agnelo Regalla, Alberto Baptista Lopes e outros.

A criação da UNAE é uma reconhecida iniciativa que, no entanto, pecou por ignorar a necessidade de distanciamento entre o poeta e o militante político, entre o canto e o discurso e, entre a liberdade cultural e a ideologia partidária. Criou-se uma dependência da UNAE à ideologia partidária, e desperdiçou-se a oportunidade de intensificar o ritmo do emergente movimento literário. O envolvimento militante do poeta inibiu o senso crítico literário que emergia nos primeiros momentos do pós-independência, e permitiu-se que a produção cultural ficasse atrelada ao regime. Monopolizaram-se as oportunidades pela inexistência de políticas-públicas de incentivo à cultura, e tudo isso resultou na trágica ausência de diálogo literário intra e entre gerações de literatos.

Mesmo com a transição política ocorrida na década de 90, a UNAE não conseguiu imprimir o dinamismo que se esperava que acontecesse ao movimento literário nacional, isto porque a mudança política apenas alterou a configuração dos membros da organização, com a adesão de alguns deles às outras forças emergentes no novo cenário político nacional. A UNAE deixou de assumir seu papel federador e integrador do homem guineense à cultura e essa sua inoperância na qualidade de único instrumento aglutinador de literatos e de homens da arte provocou uma interrupção *sine die* do “movimento literário nacional”, permitindo a existência daquilo que se pode denominar de **“literatos em movimento”** pela afirmação da expressão literária.

A politização ou partidarização da UNAE pode ser, em parte, uma das explicações possíveis para o entendimento não só da fraca excitação do movimento literário nacional, mas também da ausência de regularidade nas publicações de escritores nacionais. Se a UNAE tivesse assumido o papel de vanguarda dos homens da arte e da literatura, teria conseguido articular parcerias ou mesmo alocar recursos internos para auxiliar as despesas de

publicações. E esse posicionamento seria um importante elemento de incentivo não só à produção literária como, fundamentalmente, à leitura. É a partir da difusão do gosto e do hábito pela leitura que se ampliam os horizontes da mente humana, transformando os indivíduos num importante instrumento de transformação social, sobretudo sendo parceiros na criação de condições de bem-estar que ajudam a inibir possibilidades de acirramento de conflitos sócio-institucionais, situação que nas últimas décadas tem assolado o país.

Outrossim, a literatura nacional precisa de condições institucionais para manter vivo o diálogo com as outras literaturas do mundo, principalmente no âmbito dos Palosp's, da CPLP e da CEDEAO. Laços que não deveriam limitar-se apenas à vertente histórico-linguístico, política, econômica, mas que fundamentalmente precisariam de construir uma base cultural artístico-literária para registrar e consolidar o entendimento sobre as semelhanças e as diferenças existentes no redemoinho da complexidade da cooperação que se quer costurar na atual geopolítica de formação de blocos estratégicos.

Se noutros países lusófonos os indícios de uma afirmação identitária nos mercados além fronteiras é mais visível, o literato guineense ainda enfrenta a barreira interna de acesso à publicação de sua obra. Habita um espaço tão rico em termos de valores que inspiram o fazer literário, no entanto, escasso em oportunidade de traduzir essa prática em textos impressos que permitam sua visibilidade nos mercados literários. Como salienta Augel (1998:117), a Guiné-Bissau é um país com uma oratura tão desenvolvida, uma criatividade tão rica, como se consta pelas advinhas, provérbios e *storias*, possui muitos poetas e muitos contadores de histórias, propiciando um campo fértil para a literatura, no entanto, ao lado da abundante produção literária dos países africanos de língua oficial portuguesa, sobretudo de Cabo Verde e de Angola, são muito poucos os nomes que aparecem quando se aborda a literatura guineense.

É óbvio que atrás, principalmente, da realidade político-literária existente em cada um dos países africanos lusófonos, deve-se considerar as raízes do processo de formação colonial. Contudo, há que existir cautela em não utilizar as razões históricas como o único pretexto explicativo dos cenários existentes. Há razões para apontar as causas, de igual modo, havia tempo para imprimir e mudar a realidade. Com a exceção da iniciativa, da Editora *Kusimon*, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP)<sup>10</sup> e da Revista *Tcholona*<sup>11</sup>, nos últimos

---

<sup>10</sup> No quadro de sua vocação e preocupação com a preservação da memória de valores nacionais, o INEP patrocinou publicação de obras guineenses, caso de *Noites de Insônia na Terra Adormecida* de Tony Tcheka,

dez anos, os custos da maioria das publicações, principalmente de jovens escritores, foram assumidos pelos próprios autores. Aproveitar a potencialidade existente no país exige uma organização que sirva de engrenagem para estimular o exercício da atividade literária como ato nobre de preservação de memória e imagem coletiva.

### **A literatura guineense e o gênero que a representa**

Pode parecer estranha a colocação posta no subtítulo, mas a realidade provoca o questionamento do gênero literário nacional guineense. Se é verdade o surgimento tardio da literatura nacional, não é menos verdade concordar com a sua masculinidade. Contudo, não se pode observar o gênero do espelho literário guineense sem um entendimento panorâmico dos valores intrínsecos que se manifestam na produção de elementos culturais, religiosos, na divisão social do trabalho e na dinâmica da formação política nacional herdada do colonialismo. Apesar das evidências, é importante também não perder de vista que o fenômeno da masculinização da literatura não é um comportamento típico guineense mas, infelizmente, uma manifestação presente nas literaturas mundiais. Pois, um dos exemplos desse predomínio masculino pode ser observado em nomes sonantes de literatos da África Lusófona, ou dos laureados (as) do Prêmio Nobel da Literatura para confirmar a sexualidade imposta à literatura. Todavia, esse assunto não é o objetivo desse trabalho, apenas uma constatação crítica do cenário literário existente a nível mundial.

Entretanto, seis publicações em forma de coletâneas marcaram a literatura nacional: “*Mantanhas para Quem Luta* (1977)”, “*Momentos Primeiros da Construção* (1979)”, “*A Nova Poesia: a antologia poética da Guiné-Bissau* (1991)”, “*O Eco do Pranto* (1992)”, “*Kebur: barkafon di poesia na kriol* (1996)” e “*Traços no Tempo: antologia poética juvenil da Guiné-Bissau* (2010)”, é pouca ou quase não se faz notar a presença feminina. Por exemplo, da primeira antologia participaram quatorze poetas e nenhuma presença feminina; a segunda contou com doze poetas e uma poetisa, que é a Mariana Marques Ribeiro; a terceira

---

(1996), *Entre o ser e o amar* de Odete Semedo (1996), *Arqueólogo da Calçada* (1996) de Felix Sigá, *Os Marinheiros da Solidão* (1998) de Rui Jorge Dias Cabral, *Djarama e outros contos* (1997) de Pascoal D’Artagnan Aurigemina, além de uma coletânea intitulada *Kebur: barkafon di poesia na kriol* (1996) e outras publicações científico-literárias.

<sup>11</sup> Etimologicamente “Tcholona” significa “Comunicar ou Anunciar”. Também vale lamentar a ausência dessa importante revista cultural que tinha como propósito a promoção do intercâmbio de opiniões e a divulgação e inclusão da cultura guineense no debate internacional de idéias.

voltou a reunir quatorze poetas entre os quais duas eram mulheres: Domingas Samy e Eunice Borges; a quarta reuniu nove poetas dentre os quais uma mulher, a Mariana Marques Ribeiro; a quinta contou com treze poetas dentre os quais duas mulheres: Dulce Neves e Odete Semedo, e a sexta, que foi um trabalho recente da nova geração de escritores, reuniu vinte e três poetas, sendo apenas três mulheres: Filomena Gomes Correia, Gina Có e Irina Gomes Ramos.

Em termos de publicação individual, apenas três conseguiram romper as barreiras literárias latentes para assumir de forma independente o direito de manifestar suas visões de mundo em letras fixadas no papel. A pioneira foi Domingas Samy que em 1993 publicou um livro de contos intitulado “A escola”. Na observação de Augel (1998), a escritora trabalha com temas recorrentes como a educação, a condição feminina, o choque entre os costumes tradicionais, a modernização urbana no cotidiano feminino e os tabus. Nas suas palavras:

Os contos de Domingas Samy estão impregnados da preocupação pela condição feminina, pela posição da mulher na sociedade guineense e isso já seria motivo para despertar o interesse do público leitor (AUGEL: 1998:325)

É a partir dessa necessidade de despertar o interesse social, fazer afirmar a voz da mulher guineense e ampliar a fileira de mulheres escritoras guineenses (*e por que não das africanas lusófonas, francófonas ou anglófonas?*) que surgiu Odete Semedo. Sua primeira publicação foi “Entre o ser e o amar”, em 1996, depois surgiram várias outras publicações de sua autoria, tanto de caráter literário, quanto científico que abordam as especificidades do mosaico etno-cultural guineense. Com esse mesmo objetivo e, sobretudo, pelo amor à arte de criação literária aparece na senda literária guineense a jovem poetisa Saliatú da Costa com a sua primeira obra Bendita Loucura, em 2008, sendo que dois anos depois, em 2011, lançou a segunda obra intitulada Entre a Roseira e a Pólvora, o Capim.

Saliatú da Costa e outras três jovens poetisas: Filomena Gomes Correia, Gina Có e Irina Gomes Ramos, que participaram com textos extraordinários na recém editada coletânea “Traços no Tempo: antologia poética juvenil da Guiné-Bissau (2010), estão tacitamente a assumir um lugar de destaque no panorama literário nacional.

Enquanto isso, no campo musical não podemos deixar de enfatizar o papel da Dulce Neves. Mulher que ousou ainda menina abraçar a música na década de 70, período em que

ainda não era socialmente bem vista uma mulher a cantar numa banda, mesmo assim, enfrentou e resistiu sozinha o machismo e a discriminação sócio-familiar. Só a partir da década de 90 que foi momento de abertura social e política, é que começaram a surgir poucas vozes femininas que a ela se juntaram, entre as quais, menciono Eneida Marta, Iregrete Tavares, Aminata Indjai, Carina Gomes, além de Dina Adão e outras mulheres que optaram pela *mandjuandadi*.

A necessidade de imprimir dinâmica ao movimento literário guineense, conforme atrás salientei, só terá sucesso se se conseguir diversificar e permitir que mulheres e homens tenham a mesma oportunidade para produzir seus conhecimentos culturais que se expressa em advinhas, cantigas, provérbios, *storias* e na convivialidade existencial do quotidiano guineense.

### **Considerações gerais**

O artigo tentou observar numa perspectiva crítica o processo histórico-literário guineense a partir de uma visão que procura explicar o estado da produtividade e vitalidade literária da Guiné-Bissau, ou seja, a situação das publicações e do movimento literário nacional.

Para a melhor compreensão do debate existente, vale a pena reconhecer o seguinte: se é verdade que há um distanciamento negativo da literatura guineense em relação à de outros países lusófonos, não é menos verdade que essa realidade é decorrente de um processo de formação colonial desigual a que as então colónias foram submetidas. Nesse sentido, se faz necessário entender o carácter peculiar de cada processo e só depois proceder análise mais abrangente do ponto de vista comparativa. Contudo, essa constatação não pretende refutar a responsabilidade nacional guineense sobre os transtornos e o deficiente estado da produção literária.

Grosso modo, o estudo permitiu-nos observar a evolução da publicação guineense que é recente e data do período pós independência, mas que demonstra uma tendência positiva em termos de progressão. Por ser um país multiétnico de encontro de manifestações culturais, a Guiné-Bissau se nos apresenta como um espaço com características próprias que favorecem a criação literária. No entanto, aguarda por um engajamento maior de confluência e de

iniciativas literato e instituições públicas e privadas para possibilitar uma afirmação efetiva no mundo das letras.

### **Referências bibliográficas**

AMADO, Leopoldo. A literatura colonial guineense. In: Soronda. Bissau, n.9, 1990.

AUGEL, Moema Parente. A nova literatura da Guiné-Bissau. Bissau: INEP, Coleção Kebur, 1998.

COUTO, Hildo Honório do. A poesia crioula Bissau-Guineense. In: Papia. Brasília, n.18. 2008. p. 83-100.

CABRAL, Vasco. A luta é a minha primavera. Oeiras, África editora, 1981.

IGNATEV, Oleg. Amilcar Cabral filho de África. Lisboa, Prelo, 1975.

LARANJEIRA, Pires (org). Razões de uma entrega negritudinista. In: Negritude africana de língua portuguesa. Coimbra, editora AngelusNovus, 2000. p.VII-XXI.

LIMA, Emilio (org). Traços no tempo: antologia poética juvenil da Guiné-Bissau, volII. Lisboa, Euedito, 2010.

SEMEDO, Odete. Contributo para o debate sobre o registo de textos da tradição oral. In: Ecos: estudos portugueses e africanos – memória, sujeito e ensino de línguas. Cáceres-MT, n.3, 2005, p.72-75.

